

CARDEAIS, REIS E SENHORES PELAS CARTAS (1615-1654) DE D. VICENTE NOGUEIRA*

JOÃO CARLOS SERAFIM
UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM
joao Carlosserafim@gmail.com

RESUMO: Foi recentemente editada pelo CITCEM a correspondência de e para D. Vicente Nogueira – uma coleção de 120 cartas, escritas durante cerca de 40 anos, entre Setembro de 1615 e Maio de 1654. A predisposição cronológica, o cruzamento com as cartas correlacionadas contribuíram decisivamente para a compreensão cabal dos textos e dos contextos... Ficou clara a sua monumentalidade, a sua importância para a cultura portuguesa da época, vista a partir de Roma, Paris e Lisboa.

Neste artigo, far-se-á uma releitura deste espólio procurando, por um lado, aquilo que ele diz sobre a vida, as relações, os estados de alma, as alegrias e desesperanças de D. Vicente Nogueira; e, por outro, aquilo que noticia sobre a cúria romana, sobre a política e a diplomacia portuguesas e sobre os tão particulares procedimentos da Inquisição – muitas vezes tão destoantes dos usados em Roma...

PALAVRAS-CHAVE: D. Vicente Nogueira; Epistolografia; Cúria Romana; Diplomacia; Inquisição.

ABSTRACT: It was recently published by CITCEM the correspondence to and from D. Vicente Nogueira - a collection of 120 letters written for about 40 years, between September 1615 and May 1654. The chronological predisposition, the crossing with the related letters decisively contributed to a proper understanding of texts and contexts... It was clear its monumentality, its importance for the Portuguese culture of the time, seen from Rome, Paris and Lisbon.

In this article, we will make a re-reading of this estate looking for, on the one hand, what he says about life, relationships, moods, joys and despair of D. Vicente Nogueira; and, on other hand, what news on the Roman Curia on the Portuguese politics and diplomacy and on particular procedures as the Inquisition - often so discordant than those used in Rome...

KEY-WORDS: D. Vicente Nogueira; Epistolography; Roman Curia; Diplomacy; Inquisition.

A carta é um processo de comunicação quase tão antigo como a própria escrita... Basta pensar nas primeiras culturas escritas da Mesopotâmia e do Egito – nas tabuinhas em escrita cuneiforme encontradas em Amarna, por exemplo... – para se aferir de como em épocas tão remotas as cartas se usaram para veicular

informações, das mais confidenciais às mais oficiais...

E embora saibamos da consideração continuada e da larga tradição epistolográfica... – parece certo que o interesse pelas cartas, pelo estudos das cartas, despertou nas últimas décadas¹... Podia ser entendido como paradoxal tal interesse, precisamente num tempo em que se tornaram tão raras as cartas pessoais manuscritas e mesmo mecanográficas... Mas são compreensíveis as razões da historiografia actual... Como escrevia Agustín González de Amezúa – um dos primeiros estudiosos da literatura epistolográfica em Espanha –, em 1935, na introdução à edição do epistolário de Lope de Vega, «cada época se retrata en sus Cartas»². De facto têm estas um poder particular, uma capacidade única para revelar as pessoas e caracterizar os seus tempos e, neste sentido, tornam-se objectos de investigação histórica e literária. E têm sido inúmeros os epistolários publicados, constantes as notícias sobre novas descobertas, novas digitalizações, novos projectos de investigação...

No contexto da literatura epistolográfica em língua portuguesa no século XVII foi recentemente editada pelo CITCEM a correspondência de e para D. Vicente Nogueira³ – uma colecção de 120 missivas, escritas durante cerca de 40 anos, entre Setembro de 1615 e Maio de 1654. Algumas das escritas por D. Vicente Nogueira haviam sido publicadas por Lopes da Silva em 1925⁴. Mais tarde, em 1972⁵, foram editadas algumas outras por André Crabbé Rocha. E a

1 QUONDAM, Amedeo – Le “Carte Messaggiere”. Retorica e modelli di comunicazione epistolare: per un índice dei libri di lettere del Cinquecento. Roma: Bulzoni Editore, 1981; MARTÍN BAÑOS, Pedro – El arte epistolar en el Renacimiento europeo 1400-1600. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005; Art de la lettre, Art de la conversation à l'époque classique en France. In Actes du colloque de Wolfenbüttel, octobre 1991. Dir. de BRAY, Bernard ; STROSETZKI, Christoph. Paris : Klincksieck, 1995; MATT, Luigi – Teoria e prassi dell'epistolografia italiana tra Cinquecento e primo Seicento. Roma : Bonacci editore, 2005; LONGO, Nicola – Letteratura e lettere. Roma : Bulzoni Editore, 1999; La Correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar. Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita. Ed. SÁEZ, Carlos; CASTILLO GÓMEZ. Madrid: Calambur, 2002; La correspondance. Actes du Colloque International. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1985; CASTILLO, Carmen – La Epístola como género literario: De la Antigüedad a la Edad Media Latina. «Estudios Clásicos», 73, pp. 427-442; TRUEBA LAWAND, Jamile – El arte epistolar en el Renacimiento Español. Madrid: Editorial Tamesis, 1996; PONTÓN, Gonzalo – Correspondencias. Los orígenes del arte epistolar en España. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002; Cartas-Lettres-Lettere discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX). Dir. de CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. Universidad de Alcalá: Servicio de Publicaciones, 2014.

2 BOUZA, Fernando – *Corre Manuscrito – una historia cultural del siglo de oro*. Marcial Pons, 2001. p. 138; GONZÁLEZ DE AMEZÚA, Agustín – *Lope de Vega en sus cartas, Introducción al epistolario de Lope de Vega Carpio*. In *Epistolario de Lope de Vega Carpio*. Ed. de G. DE AMEZÚA, Agustín. Vol. I. Madrid: Real Academia Española (1935) 1989, p. 236.

3 *Um Diálogo Epistolar: D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615-1654)*. Introdução e edição de SERAFIM, João Carlos Gonçalves. CITCEM/F.L.U.P., Fontes 3. Porto: Edições Afrontamento, 2011, 451 pp.

4 NOGUEIRA, D. Vicente – *Cartas de D. Vicente Nogueira, Publicadas pelo Director da Biblioteca Pública de Évora, A. J. Lopes da Silva*. Coimbra: Imprensa da Universidade, sep. do «Arquivo de história e bibliografia». Vol. I (1925).

5 ROCHA, André Crabbé – *Cartas Inéditas ou Dispersas de Vicente Nogueira*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. [1972].

correspondência particular do Marquês de Niza tinha sido apenas parcialmente tratada nos trabalhos de José Ramos Coelho⁶, mantendo-se até então por levantar e estudar.

A edição de todas estas cartas, a predisposição cronológica, o cruzamento com as cartas correlacionadas contribuíram decisivamente para a compreensão cabal dos textos e dos contextos... Ficou clara a sua monumentalidade, a sua importância para a cultura portuguesa da época, vista a partir de Roma, Paris e Lisboa.

*
* *

Recorde-se que em 1632, D. Vicente Nogueira, cónego da Sé de Lisboa, uma figura prestigiada da sociedade lisboeta – filho de D. Francisco Nogueira, cavaleiro de São Tiago e membro do Conselho de Estado, e de Dona Maria de Alcáçova – é acusado de pedofilia e sodomia. Na sentença, publicada a 8 de Janeiro de 1633 – sem apelo nem agravo, porque o cónego era, comprovadamente, reincidente... – é condenado à suspensão do exercício das ordens, ao confisco de todos os bens e ao degredo para a Ilha do Príncipe... Ainda requereu a possibilidade de ficar mais tempo em Lisboa, mas um despacho de 3 de Junho de 1633 mandou que partisse imediatamente⁷. Só partiria, de facto, em 28 de Agosto, mas não chegou a pôr os pés na ilha do Príncipe... Depois de uma fuga arrojada⁸ e de uma passagem escusa por Madrid e Bolonha, chega a Roma em 1634⁹.

D. Vasco Luís da Gama, 1º Marquês de Niza¹⁰, aquando da segunda

6 RAMOS-COELHO, José – *O primeiro Marquez de Niza*. Separata do «Arquivo Histórico Português». Lisboa. Vol. I (1903).

7 A.N.T.T. – *Processo de Vicente Nogueira*, (17/06/1631-9/02/1635), PT-TT-TSO/IL/28/4241; BAIÃO, António – *Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa*. 3ª edição. Lisboa: Seara Nova, 1972-1973. 1º vol., p. 198.

8 BAIÃO, António – *Episódios dramáticos*. Ed. cit., pp. 191-202; ROCHA, André Crabbé – *Cartas Inéditas ou Dispersas*. Ed. cit., p. 11.

9 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 15 de Maio de 1649 – *Um Diálogo epistolar*. Ed. cit., p. 237.

10 PRESTAGE, Edgar – *As duas embaixadas do 1.º Marquês de Niza a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649)*. Sep. de «O Instituto». Coimbra. Vol. LXVI (1919). Sobre o Marquês de Niza veja-se: RAMOS-COELHO, José – *Manuel Fernandes Vila Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa*. Lisboa, 1894, pp. 25-27; RAMOS-COELHO, José – *O primeiro Marquez de Niza*. Sep. do «Arquivo Histórico Português». Lisboa. Vol. I (1903); AZEVEDO, Lúcio de – *História dos cristãos novos portugueses*. 3ª edição. Lisboa: Clássica Editora, 1989, pp. 247; 261; 277. As cartas de D. João IV para o Marquês de Niza estão publicadas: LARANJO COELHO, P. M. – *Cartas de El-Rei D. João IV ao Conde da Vidigueira (Marquês de Niza), embaixador em França*. Vols. I e II, 1940 e 1942. Veja-se ainda o Processo de Manuel Fernandes Vila Real. A. N. T. T. – *Inquisição de Lisboa*, nº 7794 (o testemunho do Marquês de Niza, está na 1ª parte, fls. 60 e sg., e a «Declaração que fez em Manuel Fernandes Villa Real, preso neste carcere do Sancto Officio», na 2ª parte, fls. 1 e sg.).

embaixada em Paris – desde o início de 1647 até Abril de 1649¹¹ – revelou vontade de fundar uma biblioteca pública em Lisboa¹². E, por conselho de Fr. Manuel Pacheco – um frade agostinho, residente em Roma e que D. Vicente Nogueira terá sempre como amigo e confidente¹³... – perceberá que D. Vicente, que não conhecia pessoalmente¹⁴, seria a pessoa certa para, num curto espaço de tempo, concretizar a sua vontade. A maior parte das cartas, portanto, são escritas ao serviço desse desiderato. A primeira carta conhecida de D. Vicente Nogueira para D. Vasco Luís da Gama tem bem definida essa «vontade de formar livraria»¹⁵. Por estas razões – tendo, claro está, como tema forte a questão das diligências na aquisição dos livros, os critérios de compra, os preços, os autores, as bibliotecas, etc.. – as missivas são enviadas com grande regularidade¹⁶, ganhando às vezes um tom diarístico e concentrando um conjunto imenso de informes... A páginas tantas o Marquês não resiste a elogiar o «modo tão gentil» e «tanta particularidade» das cartas que vinham de Roma...

São bons exemplos dessa minúcia as confidências que faz sobre os seus dois criados de câmara. Um deles, Marco António Nobili, era a companhia constante e a ajuda inestimável... Marco António tudo lhe engenha e em tudo o adjuva, mesmo nas leituras longas e noctívas: «... destes dous criados que me servem

11 A primeira comissão tinha terminado em 7 de Fevereiro de 1646 – Cf. RAMOS-COELHO, José – *O primeiro Marquez de Niza*. Ed. cit., p. 8.

12 Recorde-se que, no final do ano 1648, o Cardeal Mazarino estava prestes a abrir uma biblioteca pública que Naudé lhe havia arquitectado desde 1642. Era constituída por 40.000 livros, tornando-se uma das mais ricas do seu tempo. Os livros foram predispostos seguindo a filosofia da obra de Naudé, *Advis pour dresser une bibliothèque* – GAREL-GRISLIN, Julie – *Les manuscrits arabes et persans du cardinal Mazarin conservés à la Bibliothèque nationale de France*. Université de Lyon : ENSSIB, Diplôme de conservateur des bibliothèques, Janeiro de 2013. Disponível em <<http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/document-60357>>; NAUDÉ, Gabriel – *Advis pour dresser une bibliothèque*. Reproduction de l'édition de 1644, précédée de «L'Advis, manifeste de la bibliothèque érudite» par Claude Jolly directeur de la bibliothèque de la Sorbone. 2ª edição. Paris : Klincksieck, 1994, p. VIII; A primeira edição foi em 1627 e a segunda em 1644 – Cf. NAUDÉ, Gabriel – *Advis pour dresser une bibliothèque*. Ed. cit., p. V.

13 D. Vicente NOGUEIRA para Pedro Mendes de São Payo, ?, 20 de Janeiro de 1646 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 79; «em Roma, donde sairei (e se posso antes do ano santo) já seja para Portugal, já – se lá me não quiserem – para Tivoli, onde hei ido ver um mosteiro e levei comigo a Fr. Manuel Pacheco sem lhe descobrir meu intento» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Junho de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 242; «Sendo o Portador desta o Padre M.^{re} Fr. Manuel Pacheco, tão grande servidor de V. S. e tão grande amigo meu, e ao qual devo ser quem me alcançou a honra que tenho de ser criado de V. S.» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 12 de Outubro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 287.

14 «...V. S. me não conhece mais que por cartas – e inda mal escritas» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Dezembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 316.

15 «Pareceu-me avisá-lo a V. S. para que de nenhum modo trate de querer livraria uniforme toda de ùa ligatura, porque a lançará a perder excepto nos que compra em papel» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2 de Fevereiro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 83.

16 Em 1647, das vinte e nove cartas conhecidas, vinte são do Marquês para D. Vicente e seis são de D. Vicente Nogueira para o Marquês; em 1648 corresponderam-se quinze vezes; Em 1649 corresponderam-se trinta vezes (vinte e cinco de D. Vicente Nogueira e cinco de D. Vasco Luís da Gama... – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., pp. 52-53.

na câmara, quando tinha pensamento de ir aí, determinava dar a El-Rei Marco António para seu ajudante dela e por isso o neguei a Sachette quando mo pedia, escusando-me com que o queria fazer letrado. Porque sei que não terá El-Rei melhor criado e a V. S. um mocete de Tivoli de quinze anos já mui adiantado no latim, raro saber, modéstia e vergonha, excelente leitor que havia de aturar as quatro seis e oito horas de ler a V. S. para provar com V. S. se é certo o que dizia a todos o Duque de Alva que ele daria muito porque cada criado seu tivesse seis meses de noviciado em servir-me»¹⁷.

Ou as notícias que dá sobre a forma como enviava e recebia a correspondência. Muitas vezes usava os serviços de um famoso mariola que chamavam «Salóne» e que era – como diz... – mais conhecido em Roma que o Papa.¹⁸... E nem precisava de ficar em casa para a receber, porque se usava agora aquilo que chamam «bússula», uma «galante invenção da comodidade italiana» que – como faz questão de explicar a Cristóvão Soares de Abreu... – «é um buraco capaz de poder passar por ele um maço de cartas não descomunal, feito na porta de fora, por onde se deitam dentro e caem numa caixa cerrada com chave, ou sem, conforme o humor ou desconfiança do dono. E é de tal modo acreditada que, dando fé o escrivão que lançou a citação na tal bússula», se julga por legítima como feita na pessoa, e quem quer dizer muitas injúrias e vilanias a um poderoso – e inda Cardeal – lhas lança ali sem ninguém as ver nem saber, se não o paciente, que consigo as cose, e recose»¹⁹.

Ou ainda quando fala da forma como valorizava e trocava o dinheiro: «Não tem o mundo fazenda mais cobiçável, que juro na fazenda do Papa (...) E aqui, nos juro, nem conheceis almojarife, nem pagais a ladroeira das justificações, mas todo o ano em dias de trabalho, das nove horas até o meio-dia, está aberta aquela tesoureria, onde está a mesa com a pipa de tostões e júlios²⁰ e vinténs. E sem dizer mais que o nome, diz o que tem o livro: Deve-se-lhe tanto. E V. M. assine e entretanto o tem contado já o outro. E sem se lhes fazer nem um comprimento de palavra, se sai. E os quartéis são de dous em dous meses. Grandeza e realidade é, que não tem exemplo no mundo. Com esta consideração – ou eu haja de viver e morrer aí, ou em Roma – sempre desejarei ter aqui o

17 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Dezembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 319.

18 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10 de Julho de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 261.

19 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 221; D. Vicente NOGUEIRA para Cristóvão Soares de Abreu, Roma, 6 de Fevereiro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 383.

20 «Moeda de Itália, assi chamada, porque o Papa Júlio III a mandou cunhar; vale alguns noventa reis desta moeda» – BLUTEAU, Raphael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra, 1711. Vol. IV, p. 223.

pecúlio da minha herança»²¹.

E fica esboçada com alguma nitidez a vida, as relações, os estados de alma, as alegrias e as desesperanças de D. Vicente Nogueira. Quando chega, diz ter ficado a dever a liberdade e a honra a dois senhores: o Cardeal Francesco Barberini e o Mestre do Sacro Palácio, então o genovês Nicolla Riccardi²². Durante cerca de vinte anos, vive nos meandros da Cúria, tendo relações e contactos privilegiados e fazendo aquilo de que mais gostava: comprar, ler, coleccionar e vender livros... Viveu assistindo – às vezes simultaneamente... – duas figuras maiores da Cúria Romana: o Cardeal Giulio Sacchetti e o já referido Cardeal Francesco Barberini... Serviu o primeiro – embora com algumas intermitências²³... – até cerca de 1650²⁴. Acompanhou-o, por exemplo, na altura em que o Cardeal esteve como legado papal em Bolonha (1637-1640) e no período em que foi Camerlengo do Sagrado Colégio dos Cardeais (1641-1642). Recorde-se que foi, nessa circunstância, de Bolonha que, a 28 de Outubro de 1638, escreve a particular carta para Galileu em que lhe pede que fizesse o favor de lhe comprar, por intermédio de um seu servidor, todas as obras que tivesse editado e também todas as obras de seu pai, nomeadamente aquelas que havia composto sobre a música antiga²⁵... Para com Sacchetti, o seu primeiro senhor, nunca poupará elogios. Escreve a páginas tantas «era e é um anjo em carne humana, não saindo-lhe daquela boca verdade nem promessa, que não seja evangélica»²⁶.

Não menos importante foi a relação com o Cardeal Francisco Barberini – que havia sido legado papal em Avinhão e, posteriormente, em Espanha²⁷ – sobrinho

21 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22 de Novembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 294.

22 D. Vicente NOGUEIRA para Galileu Galilei, Bolonha, 28 de Outubro de 1638 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 71. Nicola Riccardi foi Maestro del Sacro Palazzo Apostolico de 1629 a 1639, ano em que morreu – «Maestro del Sacro Palazzo Apostolico». In MORONI, Gaetano – *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1846. Vol. XLI, pp. 215.

23 Numa carta de 25 de Novembro de 1647 fala nele como seu «antigo senhor» – D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 25 de Novembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 144; Numa outra, de 19 de Outubro de 1648, diz tê-lo servido oito ou nove anos – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Outubro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 187; Em 1649 confessa que, se não estivesse ao serviço de Sacchetti, faria tudo para ir servir Carafa, nem que fosse como cozinheiro – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 11 de Janeiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 206.

24 «sendo eu então criado de Sacchetti, me veio muitas vezes visitar só pola excelência que lhe dava por mandado de Barberino» – D. Vicente NOGUEIRA para O Marquês de Niza, Roma, 19 de Setembro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 367.

25 D. Vicente NOGUEIRA para Galileu Galilei, Bolonha, 28 de Outubro de 1638 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 71.

26 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Outubro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 186.

27 Ainda o era em 1643 – BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispos*. Ed. cit., p. 117; «Francesco Barberini» In MORONI, Gaetano – *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1840. Vol. IV, pp. 107-108.

do Papa Urbano VIII e irmão de Taddeo Barberini, que foi comandante do exército pontifício e do Cardeal Antonio Barberini... Os irmãos de Francisco – Taddeo e António – foram culpabilizados pela guerra encetada contra o Ducado de Castro (1641-1644) que teria tido, na sua génese, uma política expansionista da família Barberini. Era então duque de Castro, Eduardo Farnese (1573-1626), segundo filho de Alexandro Farnese, 3º Duque de Parma e Piacenza, e de D. Maria de Portugal. Em 1645, o novo Papa, Inocêncio X, ordenou uma investigação sobre os lucros ilícitos dos Barberini durante o pontificado de Urbano e em particular sobre a Guerra de Castro. O Cardeal Antonio e seu irmão Taddeo viram-se obrigados a ir para Paris, em 27 de setembro de 1645, onde receberam a hospitalidade e o apoio do rei Luís XIV e de seu ministro, o Cardeal Mazarino. Francisco Barberini foi envolvido nestas inquirições e viu-se constrangido, em 1646, à semelhança de seus irmãos, a fugir para França... O marquês de Niza, em Agosto e Setembro de 1647, em Paris, relaciona-se com o Cardeal e vai mandando notícias de tudo a D. Vicente Nogueira: «O Senhor Cardeal Barberino anda tão bem que 2ª feira o vi passar por esta rua, mas mais quisera que estivera em Roma quieto e sem moléstias²⁸» [...] «Segunda-feira me fez mercê o Senhor Cardeal Barbarino de vir honrar esta casa, e na mesma manhã havia eu tido audiência do Senhor Cardeal Mazarino²⁹».

D. Vicente Nogueira segue e vive com particular cuidado estas vicissitudes da família Barberini e é provável que, neste contexto, os seus serviços, em Roma, tenham passado a ter uma importância acrescida... Em Fevereiro de 1648, numa altura em que se perspectivava a morte de Inocêncio X, vê com apreensão a vontade que o cardeal revelava de regressar: «...lhe não louvarei a saída de Paris pois é mostrar que como abutres vinham à carniça de ser morto o Papa, ou movidos de um pronóstico despropositado que dizia que a 27 deste haveria sede vacante. Cousa que Deus poderá como Senhor fazer, mas a boa disposição de N. S. mostra que temos ali Papa para largos dez anos³⁰».

E em Maio do mesmo ano, estando o Cardeal já em Roma, fala da forma constrangida e amedrontada em que se via obrigado a viver... «Depois que veio é ãa suma inquietação com tal vida que se pode mais invejar a de um forçado de galé, porque os tais têm hora determinada de comer e de dormir, e este pobre senhor a não tem, saindo incógnito às horas mais despropositadas, e não falando com nenhũa de quantas pessoas tem em casa, sendo todas de mais e melhores

28 Do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 30 de Agosto de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 114.

29 Do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 13 de Setembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 117.

30 D. VICENTE NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17 de Fevereiro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 163.

partes que eu, e já seja de andar com grandíssimo medo, já de arrependimento desta vinda a Roma desrepositadamente...»³¹

No entanto, a relação com o Cardeal Francesco Barberini – respeitosa e profundamente agradecida... – nunca chega a atingir o nível da admiração e da devoção incondicional. Esse lugar estava reservado para o Cardeal Pier Luigi Carafa (1581-1655), que morreria no dia 15 de Fevereiro de 1655, durante o Conclave.

O Cardeal P.^o Luís Caraffa, se for Papa, será um S. Gregório, ou um S. Leão, santo verdadeiro, sem fraudes, sem enganos, pobríssimo de espírito, sem cobiça de riquezas, nem pensamento nenhum mundano. Vassallo é de Filipe IV, mas tão fora de por ele fazer um pecado venial, como mil mortais. É o mal que meu amo – que nunca soube dar capelos a tais sujeitos, e deve haver reventado de dor de haver guardado esta glória para o seu inimigo Inocência – fará todas as diabruras porque ele não chegue a ser Papa (...) E em tal estado está com ele esta casa, que não me dão lugar de ter com ele nenhum comércio, sendo assi que quando o fizeram Cardeal me respondeu a carta, que envio a V. S. e que se eu não estivera com Sacchette o houvera de ir a servir inda que fosse de cozinheiro. Faz vida santa, e só pôr os olhos naquele rosto comprem os costumes. Seus creados confessam-se cada oito dias (...) Quando fugiu meu amo, o proveu Inocência na chancelaria, como proveu a Sforza no Camerlengato. Que faria Caraffa? Vai-se lançar aos pés do Papa e agradecer-lhe a graça – que eram quasi dous mil cruzados cada mês – e pedir-lhe o livre daquele trabalho, e de ser instrumento contra sobrinhos do Papa Urbano ao qual deve tudo o que não é o capelo. Porfia o Papa que aceite, procura escusar-se. Quando não pode escusar-se diz-lhe: «hora Santíssimo eu o aceitarei, mas com condição que cada mês lhe hei-de mandar em França os rendimentos do seu officio». Ouvindo o Papa isto, foi dar-lhe ãa bombardada e cessar a porfia. Este é Caraffa, e deste dizem meus companheiros, que não sabem que milagres há feito no cardinalato. E eu lhes respondo que maior milagre que ãa vida tão santa e tão exemplar. E que nas capelas e consistórios vejam se não se vê ãa composição e devoção inimitável...»³²

Embora não saibamos se há alguma relação de causalidade com a situação da família Barberini, é certo que, por estes anos, começaram as dificuldades para D. Vicente. A partir de 1648 – quando deixou de conseguir saldar uma dívida,

31 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 4 de Maio de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 170.

32 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 11 de Janeiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 206.

contraída, aparentemente, no cumprimento de diligências para o Marquês³³... – foi um acumular de inquietações...

Numa carta de 12 de Outubro de 1649 – levada pelo padre Frei Manuel Pacheco – num claro estado de desespero e necessidade, escreve: «Peço a V. S. que quando tenha um par de horas desocupadas, as queira dar às minhas cartas e com ãa pena na orelha as vá lendo devagar, dando ãa risca debaixo de cada cousa sustancial, e cuidando se é merecedora de conceder-se ou negar-se, e notar isto num papelinho de fora para quando V. S. me queira responder, não lhe ficar nada no tinteiro, que com isso verá V. S. meu miserável estado, e como e quando deve remediar-mo, estando como mercador falido»³⁴. No ano seguinte, vive, declaradamente, às custas de Fernando Brandão³⁵ – que desde 1641 era Encarregado de Negócios junto da Cúria Romana – e – imaginamos com que sofrimento... – terá de vender os livros mais preciosos para poder comer³⁶... E, não bastando todos estes constrangimentos, por questões que nunca se explicam cabalmente, ver-se-á obrigado – no ano de 1652 e nos primeiros meses de 1653 – a conhecer os rigores do aljube³⁷...

Mas parece-nos ajustado dizer que as dificuldades que D. Vicente Nogueira enfrentou a partir de 1648 não foram capazes de assolar a relação que tinha com Roma... Apesar de tudo, é em Roma que D. Vicente Nogueira encontra a “pátria” que em Portugal não teve e com a qual se mostrará agradecido até ao

33 Do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 19 de Julho de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 407.

34 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 12 de Outubro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 287.

35 «A Ferdinando Brandão mandei mostrar a de V. S. e responde o que sempre, da pensão estar segura e agora inda mais, muito agradecimento da primeira annata que V. S. lhe dá. Ele me sustenta, dando cada somana a Marco António o que nela se gasta, mas raramente o vejo, por convir-nos assi a ambos, e por ele e seus avisos não sou o menos informado de Roma, nem o peor» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29 de Janeiro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 327.

36 Foi o caso da *Vitae et res gestae pontificum* de Alfonso Chacon – CHACON, Alfonso (1540-1599), *Vitae et res gestae pontificum...*, Francisco Cabrera ..., & Andrea Victoriello, Roma: typis Vaticanis, 1630, fol; «O chacon dos novos – que na almoneda do Cardeal Ubaldino, sendo muito rogado, comprei em 4 escudos, e ãa grande necessidade para comer vendi em 16 – não dece já dos 20» – D. Vicente NOGUEIRA para O Marquês de Niza, Roma, 5 de Março de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 336; SERAFIM, João Carlos Gonçalves – *A infância de Cristo em Adnotationes et Meditationes in Evangelia do Padre Jerónimo Nadal (S. J.)*. «Via Spiritus». Porto. Vol. 17 (2010), pp. 79-107

37 O Marquês recebe notícia da prisão de D. Vicente por uma carta de Fernando Brandão escrita em 21 de Janeiro de 1652: «É só me deram ãa de Fernando Brandão de 21 de Janeiro em que me diz que V. M. ficava preso. Se eu disto teria pena julgue-o V. M. das minhas obrigações e do que eu devo a V. M. e me tem esta nova com a maior dor e maior cuidado que pode ser, assi por julgar a V. M. com moléstia, como por se me não falar com clareza na causa. E na carta que S. Majestade teve, falando-se-lhe nas pessoas que haviam sido presas, não se lhe fala em V. M.» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 18 de Março de 1652 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 422; Está preso no fim de 1652 – Cf. Carta do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, ?, Novembro de 1652 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 431; Disse ao Marquês que, finalmente, tinha saído da prisão por uma carta de 12 de Abril de 1653 – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, 11 de Julho de 1653 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 444.

final dos seus dias³⁸... Apesar do desejo manifesto de regressar a Portugal, na esperança da protecção de D. João IV e de alguns grandes senhores a quem havia prestado prolongados serviços³⁹... – nunca conseguiu realizar esse desiderato e foi-se rendendo à desilusão: «nestes dezoito meses – escreve para D. João IV – conheci os perigos a que me oferecia, dos quais V. Majestade, sendo Rei e chamando-se Rei, me não podia segurar, me resolvi a morrer em Itália, com poucas saudades de Pátria tão ingrata e desventurada»⁴⁰...

*
* *

Roma – «terra de verdade», «terra de Liberdade»⁴¹... – não se devia confundir com a Cúria Romana... De facto, não havia outro sítio em que mais se aprendesse e soubesse, mas também não existia outro em que mais se mentisse... E «é esta a corte tão extravagante – por não dizer corrupta – que nada nela pode menos que a razão e justiça. E se esta algũa vez vence, não é sem grandes diligências, indústrias, e gotas de sangue»⁴².

São muitas as folhas em que se fala das particularidades do pontificado de Inocêncio X... Giambattista Pamphili, apoiado pela facção espanhola – e apesar da declarada e empenhadíssima oposição do Cardeal Mazarino... – foi eleito Papa em 15 de Setembro de 1644, quando já contava com 70 anos de idade.

38 «Esta cortesia e confiança se faz em Roma a um pobre clérigo português, só porque o têm por homem de bem. Mas é porque aprendem do Papa e Cardeais a moderação com que usam de seus officios que parece tomam só para ganharem amigos e corações» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Setembro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 365.

39 Fr. Manuel Pacheco, numa viagem que fez a Lisboa, tentará arranjar condições para o regresso de D. Vicente: «Muito me importava haver chegado Fr. Manuel Pacheco antes que aí se provesse o officio de guarda-mor da Torre do Tombo, porque se houvesse de tornar a Lisboa, aquele e o de bibliotecário d'El-Rei e de V. S. me seriam muito a propósito. Porque o apontava a Pedro Vieira, do qual há um ano que não tive resposta algũa» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29 de Janeiro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 328; «Frei Manuel Pacheco me não viu há muitos dias, mas eu o buscarei amanhã, que são 2 de Abril, para saber dele se falou a El-Rei algũa palavra na vinda de V. M.. E quando o não haja feito praticaremos acerca de como deve falar. E agora era V. M. necessário a El-Rei para mil cousas e para a livraria que vai ordenando, que será grandíssima por lhe ter metido a de Vila Viçosa e a do Senhor Infante, e a do Marquês de Castel Rodrigo, e muitos outros livros. E me queria agora comprar a minha, e não estou fora de lhe vender alguns livros, se mos pagar bem» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20 de Abril de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 346.

40 D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 18 de Setembro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 410.

41 «Mas em Roma, terra de liberdade e verdade, se sabe bem de onde aí nace tanto mal, e de onde aí tem El-Rei de Castela tantas espias, e donde daí chegam cada dia correios a Madrid com novas, não digo dos aprestos d'El-Rei, mas inda mais meúdas...» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 30 de Abril de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 353; D. Vicente NOGUEIRA para Nicolau Monteiro, Roma, 13 de Setembro de 1645 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 77.

42 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 27 de Setembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 282.

Os onze anos de pontificado – morreu no dia 7 de Janeiro de 1655 – por razões políticas e também pelas limitações físicas do pontífice, foram particularmente atribulados. E D. Vicente Nogueira dá notícias frequentes sobre a fragilidade e as maleitas do Papa: em Dezembro de 1647 pensava-se que duraria poucos meses⁴³; durante o ano de 1648 manteve-se essa expectativa de tal forma que circulavam prognósticos de sede vacante⁴⁴; no entanto, em Dezembro do mesmo ano, diz estar «mais são e robusto do que nunca esteve»⁴⁵, embora cheio de limitações e numa carta de Setembro de 1651 escreve:

No Papa há duas doenças contrárias. Uma é mal de rins e areias, que requerem que ele faça exercício, para que com ele se lhe não peguem, antes caiam e saiam; outro é que, tendo ele uma fonte na perna esquerda, se lhe cerrou naturalmente haverá quatro meses, com muito gosto seu, que esperava com caminhar muito que se lhe fortificasse o estômago, e andava léguas inteiras. Eis que lhe deu uma febre aguda, e vendo-se em grande perigo da vida, lhe deram nas pernas um remédio que aqui chamam vesicatório, que se dá aos moribundos. E é um cáustico que, em três horas, faz chaga e chama todo o humor ruim do corpo àquela parte, tirando-se das partes vitais, coração, fígado, baço, etc. Fez o cáustico no Papa mais movimento do necessário, porque se lhe encheram as pernas de chagas, engrossando-se-lhe muito, e com dores tão grandes que não pode mened-las, nem ter-se em pé, inda com um bordão, e lhe purgam em fio, sendo-lhe pois impossível menear-se, com o que o mal dos rins o pode matar. Achou o seu médico Fonseca⁴⁶ e nosso português de Lanego e riquíssimo, um meio com que o Papa se acha muito bem, e muitos cuidam sarará de todo. E o remédio é assentar-se o Papa numa cadeira feita para isso, na qual o trazem os seus lacaios por todo o palácio e jardins. E nela mesma o metem nas andas, e talvez no coche, sem que ele mova as pernas. Mas o movimento das andas, e inda mais o do coche, lhe sacode e esbate todo o corpo, com o que se tem notoriamente melhorado. E sai de casa quase todos os dias, e o encontram pelas ruas, e todos os dias dá audiência e negoceia

43 D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 25 de Novembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 144-145; «E por se acaso V. Majestade quiser que vejam seus conselheiros o estado da saúde do Papa, e quam poucos meses se cuida que durará» – D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 2 de Dezembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 146.

44 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17 de Fevereiro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 163; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1 de Junho de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 175.

45 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 202.

46 Gabriel da Fonseca (1585-1668) – ANTÓNIO, Nicolau – *Bibliotheca Hispana noua: sive Hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV floruerunt notitia*. Madrid: Apud Joachimi de Ibarra., 1788. **Tom II** (págs. 541 da versão digital).

*como em inteira saúde*⁴⁷.

Mas é implacável o retrato do pontífice... É um homem medroso⁴⁸, indeciso, avaríssimo, cobiçoso⁴⁹ e hiper-influenciado por sua cunhada, Olímpia⁵⁰. Aliás a correspondência dá a Olímpia um claro relevo que não destoa da centralidade que esta personagem ganhou, neste contexto, nos estados pontifícios... Olímpia Maidalchini (1594-1657), nascida em Viterbo de uma família humilde, casou em primeiras núpcias com um concidado rico, do qual ficou, pouco depois, viúva. Casou segunda vez com Pamphilio Pamphilj, um nobre trinta anos mais velho do que ela. Na nova família, Olímpia fez amizade com o seu cunhado, o cardeal Pamphilj, eleito Papa em 1644. Entretanto, Olímpia fica viúva pela segunda vez e torna-se íntima e conselheira do Papa, o que lhe trouxe a crítica dos italianos e dos protestantes franceses. Inocência X nunca tomou uma decisão nem nomeou ninguém sem a ter consultado... Logo no segundo mês do seu pontificado, fez assentar o governo da Igreja no filho mais velho de Olimpia, Camillo Pamphilj, elevado a cardeal em 14 de novembro de 1644. Mas Camillo – contra o conselho da sua mãe e do Papa – renuncia ao cardinalado em 1647 para casar com a bela e riquíssima Olímpia Aldobrandini. Esta “deserção” fez com que fosse feita a nomeação de um novo cardeal com 17 anos de idade: um sobrinho de Olímpia, Francesco Maidalchini, que se revelou incapaz e, por isso, é afastado em 1649⁵¹.

47 D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 18 de Setembro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 411.

48 «É se Papa Inocência não fora homem muito medroso, já tivera feito alguma carafesea, porque se lhe conhecem bons desejos, mas inda vê aos franceses com algum vigor. Que Deus nos livre se os visse caídos»

- D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1 de Junho de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 177.

49 «Deste Papa ninguém espere graça, porque a mais justificada e que nunca se negou, nega ele com grande gosto. E ouço dizer que, com ser avaríssimo e cobiçosíssimo de dinheiro, inda é maior o seu contentamento em negar e isto com tal extremo que mais de trezentos mil cruzados de dispensações estão depositados, sem nenhuma sair. Julgue V. S. ão tão extravagante como grão cruz de Malta – que é injúria do Grão Mestre – como a concederia este, inda que interviesse não digo crédito de mil escudos, mas de vinte mil. Assi que tenha ãa pouca de paciência Dom João de Sousa até Deus mudar as cousas como sempre se lhe pede» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 23 de Novembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 194; «o Papa é quem arriba digo, e não lhe deu Deus licença para fazer bem a ninguém» - D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 23 de Novembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 195. 50 D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 25 de Novembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 144; «E por se acaso V. Majestade quiser que vejam seus conselheiros o estado da saúde do Papa, e quam poucos meses se cuida que durará» – D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 2 de Dezembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 146; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1 de Junho de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 178; «O Papa esteve ontem na sua vinha e em S. Pedro e anda mais são e robusto do que nunca esteve, e esta menhá está em consistório no qual se houver algũa novidade a avisarei antes de serrar o maço» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 202.

51 A partir de 1651, Camillo Pamphilj volta ao «estado de graça» e a sua mãe regressa em 1653, reencontrando todas as prerrogativas e reivindicando mais influência que anteriormente. O Papa Inocência X morre

A correspondência vai dando notas – suculentas, diga-se... – de todos estes imbróglgios... A páginas tantas escreve:

Não há cousa que mais prejudique a saúde que desgostos, principalmente se são domésticos, e entre pessoas amadas, e assi desde que Soror Ághata, irmã do Papa, se lhe queixou da cunhada dona Olímpia, com ódio do filho querer desfazer a casa de Pamfília, e levantar a sua Masdalquina, nunca mais o velho teve um momento de saúde. E inda que verem-no retirado, se atribuía a arte, não era se não doença, e tal que seu médico Fonseca o sangrou. E suspeitando-se que era pedra, e que convinha sair, inda que fosse numa cadeira, saiu. Mas em lugar de achar quem clamasse «Viva o Papa Innocencio», não ouviu se não clamores do povo, «Padre Santissimo, panhota grande, que morremos de fome», cousa que lhe deu tanta pena, que mandou súbito aos silheteiros que o tornassem a casa, até dentro da qual vinha a viúva, clamando com um pão na mão, em modo que o Papa, chegando à Câmara, começou a gritar «que não era só Papa Urbano o enganado, e que ele o era mais, e que ninguém lhe falava verdade, se não o povo, quando se lamentava». Tornado à cama raivoso e rabujento, passou quinta-feira 28 sem poder ourinar. E quando, à sexta 29, se conheceu que não podia, foi necessário notificar-lhe o perigo em que estava, havendo trinta e seis horas que retinha a ourina, e ele se dispôs a ordenar as cousas tocantes a sua casa, provendo tudo quanto estava vacante nos seus, e dando quitações a dona Olímpia e todos seus devedores (...) ao minino Cardeal Masdalquino deu a de mil e quinhentos cruzados. E enfim se nesse dia se sucedesse outro Papa não acharia nada que prover. Dizem que pediu a dona Olímpia quisesse fazer ùa doação, mortis causa, de tudo que tivesse a seu filho, mas não a poudo vencer, mas ela sí, que o venceu, a que nem o nomeasse. Asegurados pois os interessados, começaram a aplicar-lhe remédios, com os quais, depois de trinta e sete horas de retenção, ourinou e se quietou. Mas muitos crêem que acabará em breve, e pronóstico há que o ameaçava morrer três dias depois do de Santa Catherina, mas compriu-se num accidente mortal...⁵².

em janeiro de 1655. Olimpia é banida pelo novo papa, Alexandre VII, logo nos primeiros dias do pontificado, e morre em 1657 – MATHIEU-ROSAY, Jean – *La véritable histoire des Papes*. Paris : Jacques Grancher, 1991 ; LOPES, Antonino Lopes (trad.: Claudine Cocozza) – *Les Papes, La vie des papes à travers 2000 ans d'histoire*. Roma : Futura Edizioni, 1997 ; LEVILLAIN, Philippe (s. dir.) – *Dictionnaire historique de la papauté*. Fayard, 2004.

52 D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 2 de Dezembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 147.

E abundam estas alusões a um papa que – apesar de não ter «ruins inclinações» e que «obraría bem se o não enganassem» – estava agrilhado por interesses e conveniências... Como brilhantemente descreve, aquilo era um «exemplo maravilhoso da miséria humana e para que ninguém inveje aquelas alturas»⁵³.

*
* *

Outra razão da monumentalidade deste espólio é a capacidade que tem de interpretar a difícil situação política que – externa e internamente – Portugal estava a viver... No que às relações diplomáticas entre Portugal e Roma diz respeito, apresentavam-se duas tarefas hercúleas: por um lado, conseguir o reconhecimento papal da legitimidade do rei D. João IV ao trono de Portugal; por outro, alcançar o provimento dos bispados e dos outros benefícios. Desde o início se percebeu que a relação com Roma era a questão prioritária... Para além dos serviços dos residentes que foram desempenhando o papel de agentes do rei – como Ferdinando Brandão, o padre João de Matos, Fr. Manuel Pacheco e o padre Nuno da Cunha... – uma solução foi o envio de representantes à Santa Sé, quer por parte do monarca, quer por parte do estado eclesiástico⁵⁴. Logo em Abril de 1641, D. João IV promove a primeira embaixada, liderada pelo Bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, que chega a Roma em 20 de Novembro de 1641. Os diplomatas espanhóis, em Roma, fizeram tudo para impedir que fosse recebido pelo Papa⁵⁵, compelindo-o a que condenasse publicamente a rebelião portuguesa. Apesar de muitas diligências e esforços, D. Miguel de Portugal sai de Roma a 11 de Dezembro de 1642 sem ter conseguido ser recebido por Urbano VIII⁵⁶.

No início de 1644 o clero português decidiu mandar um seu representante, Nicolau Monteiro, prior de Cedofeita e, mais tarde, Bispo do Porto. Ainda conseguiu ser recebido pelo Papa e mostrar os enormes danos que a falta de

53 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10 de Julho de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 264.

54 BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados e Concílio Nacional no Reinado de D. João IV*. «Lusitania Sacra». Tomo II (1957), pp. 111-219; TORRALBA, Luís Reis – *Ideologia política e teoria do estado na Restauração*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1981, Vol. I e II; AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) – *História Religiosa de Portugal*. C.E.H.R.U.C.P., Circulo de Leitores, 2000, vol. II, p. 159.

55 Como secretário, levava o Desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos e como agente na cúria, o Cónego Pantaleão Rodrigues Pacheco. A comitiva foi assaltada nas ruas de Roma em 20 de Agosto de 1642, resultando da refrega mortos e feridos – BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., pp. 117-128.

56 No ano seguinte, em Abril – ao mesmo tempo que se procurava o envolvimento de França... – D. João IV pensou enviar a Roma, em missão extraordinária, Marquês de Niza, então embaixador em Paris... – Cf. D. JOÃO IV para o Conde da Vidigueira, 18 e 19 de Abril de 1643, *Corpo Dipl. Port.* Vol. XII, pp. 359-360; BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., p. 134.

provimento dos bispados estava a causar na igreja portuguesa onde, na altura, havia já dezassete mitras vagas, mas, no dia 2 de Abril de 1645, foi atacado por um grupo de castelhanos e napolitanos, tendo morrido, na circunstância, um dos seus lacaios⁵⁷... Nicolau Monteiro regressou a Portugal em 1646 sem nada de positivo ter conseguido atingir⁵⁸...

Apesar de se estarem a esmorecer todas as esperanças⁵⁹, em Outubro de 1648, D. João IV decide ainda, a pedido dos três estados, enviar a Roma Manuel Álvares Carrilho, oficialmente como agente do clero, mas tratando, na realidade, dos negócios do rei. Entre os assuntos pendentes, a questão da confirmação dos bispados continuava o mais premente. Aliás, nas últimas ordens que dera ao Padre Nuno da Cunha – jesuíta e assistente na cúria generalícia de Roma, e que D. Vicente Nogueira diz ser tido como «a alma e os olhos d'El-Rei»⁶⁰ –, D. João IV já tinha mandado que, de todas as formas, se mostrasse ao Papa os danos causados pela vagatura dos «26 Bispados do Reino e conquistas», e se lhe fizesse sentir «quão mal deve parecer a Deos Nosso Senhor, que pelo respeito temporal de comprazer a ElRey de Castella, morrão sem sacramentos milhares de fiéis nas conquistas por falta de sacerdotes e de Prelados que os ordenem»⁶¹.

E a respeito das diligências de Roma, gostaríamos de salientar a forma como as cartas conseguem dar tonalidades novas ao contado na correspondência oficial descrevendo caracteres, revelando pormenores, segredos, motivações escusas... As endereçadas por D. Vicente Nogueira de forma particular – por ser tão conhecedor das personalidades, das orgânicas, dos interesses da Cúria Romana... – revelam uma extraordinária capacidade de interpretar e uma facilidade única de antecipar atitudes e reacções...

Nicolau Monteiro, Prior de Cedofeita – que se serve de D. Vicente Nogueira para que, usando os seus contactos com Fernando Brandão, lhe fosse dando

57 No «memorial» entregue em Roma a Inocêncio X, da autoria de Nicolau Monteiro, como argumento para se defenderem os direitos de D. João IV à sucessão de Portugal, referia-se as profecias de Bandarra, «varão para sempre célebre» – MARQUES, João Francisco – *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto/INIC, 1989, vol. II, pp. 292, nota 58; 381.
58 BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., p. 168.

59 Em meados de 1647 D. João IV revela a esperança de que o problema dos bispos se ia resolver. Em 12 de Julho desse ano escreve ao marquês de Niza em que declara destinar 20 000 cruzados para agradecer os que tivessem parte na consumação favorável do negócio. Noutros momentos foi o desalento que se instalou: numa carta que o Rei envia ao padre Nuno da Cunha, em jeito de ultimato, estabelece a data do nono aniversário da sua subida ao poder para que toda a situação com Roma se resolvesse, ameaçando cortar relações com a Santa Sé – AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) – *História Religiosa*. Ed. cit., vol. 2, p. 160.

60 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 27 de Março de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 235. Era irmão do Bispo de Elvas, D. Manuel da Cunha, capelão-mor de D. João IV – MARQUES, João Francisco – *A Parenética Portuguesa*. Ed. cit., vol. I, p. 58; 263 (50); vol. II, pp. 353-354.

61 BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., p. 205.

informes sobre a receptividade que as suas diligências estavam a ter na Cúria⁶²... – era um «boníssimo eclesiástico», mas a jornada de Roma «foi tão ignominiosa para esse reino quanto não crerá quem não houver tocado Roma nem lido as lágrimas com que a lamentava no meio de suas prisões o def.to infante D. Duarte⁶³ em cartas a Manuel Álvares Carrilho, quasi acautelando-o dos atoleiros deste seu simplicíssimo antecessor»⁶⁴...

E olhando para o clima político em Roma, revela dificuldade em perceber a pertinência da legação de Manuel Álvares Carrilho. Considera-a, aliás, «escusadíssima»⁶⁵. Sobre o propósito maior – a atribuição dos bispados – ao contrário da comum opinião, acha que não traria benéfico para o rei... O prolongamento do impasse podia resultar em benefício dos interesses do rei de Portugal conseguindo proveitos para bem da coroa... «Eu desenganei já a El-Rei, que em o Papa não passar os bispados lhe fazia a maior amizade e favor que podia, mas isto não só se não entendeu lá assi, antes me deve haver sido de muito prejuízo, mas se acertei ou não, inda mal, porque o tempo nos há-de desenganar»⁶⁶.

E no relato pormenorizado das ocorrências fica claro que uma das razões para este outro fracasso foi o facto de entre os portugueses que, em Roma, tinham o encargo de tratar dos negócios do reino, não haver aproximação e

62 De Nicolau MONTEIRO para D. Vicente Nogueira – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 75; D. Vicente NOGUEIRA para Nicolau Monteiro, Roma, 13 de Setembro de 1645 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 76; «Agora me mandou o Prior de Cedofeita – que vem para mestre das infantas – um livro que imprimiu em latim da sua jornada» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17 de Dezembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 315; Refere-se, com certeza, à obra publicada em Lisboa nesse mesmo ano – *Vox turturis Portugallia gemens ad Pontificem Summum pro Rege suo...* Lisboa: na oficina de Domingos Lopes Rosa, 1649. Cf. SILVA, Francisco Inocêncio da – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, VI, p. 289; ALBUQUERQUE, Martim de – “*Biblos*” e “*polis*”, *bibliografia e ciência política em D. Vicente Nogueira, (Lisboa, 1586-Roma, 1654)*. Lisboa: Nova Vega, 2004, p. 68, n. 224. 63 O Infante D. Duarte (1610-1649), irmão mais novo de D. João IV, deixou Portugal em 1634 para servir o Imperador Fernando III da Alemanha na Guerra dos Trinta Anos. Depois da restauração, Espanha conseguiu – por via diplomática – que o Imperador prendesse o Infante. Apesar das muitas diligências e esforços do Monarca português, de nenhuma forma se conseguiu a libertação de D. Duarte que morre, no castelo de Milão, depois de 8 anos de cativeiro, no dia 3 de Setembro de 1649 – SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. Editorial Verbo, vol. V, p. 34.

64 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, 5 de Março de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 331.

65 D. Vicente NOGUEIRA para D. Vicente Nogueira, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 199; Nuno da Cunha, encarregado dos negócios da Coroa em Roma, «começou a correr todos os cardeais e ministros, prevenindo-se» – D. Vicente NOGUEIRA para D. Vicente Nogueira, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 200.

66 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 201; «O Doutor Carrilho inda não teve audiência nem inda o padre assistente. Até agora não se vê esperança de negociar e já todos conhecem que o mandá-lo cá foi mais importunidade dos bispinhos que conveniência de S. Majestade a quem convinha só tratar de aceitar-se-lhe a obediência porque então tudo o mais correria chaamente» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 228.

entendimento. Cada um queria chamar a si a honra de conseguir um acordo final, desaprovando os passos que anteriormente tinham sido dados. Mesmo o Dr. Carrilho enfermou desse defeito: desconhecedor do ambiente romano, desvalorizando tudo o que o Padre Nuno da Cunha entretanto tinha acordado, julgou que – com dinheiro e intransigência... – tudo conseguiria resolver⁶⁷...

E parece-nos que a procura de protagonismo foi um mal que atingiu também D. Vicente Nogueira... Tendo em conta o seu saber e o seu conhecimento de Roma, revela sentir-se o mais autorizado para aconselhar e assessorar aquelas negociações... Antes já sentia que o rei só ligava ao que lhe era dito por Nuno da Cunha⁶⁸, agora, depois dos primeiros contactos com Manuel Álvares Carrilho, sentia-se invejado e relegado e, por isso, passou a olhar tudo aquilo de uma forma crítica e depreciativa. Pelo que conta ao Marquês, Manuel Carrilho, mesmo antes de chegar provocou pompa e circunstância... Quando ainda estava em Livorno, mandou preparar uma quinta, nos arredores de Roma onde se instalaria⁶⁹... E, depois de chegar, revelou megalomanias⁷⁰ e impreparações e protagonizou intransigências e falhanços...

Ontem – escreve – estive comigo desde o jantar até noite o Doutor Carrilho agente dos três estados, e me pareceu curta a sessão com ser de quatro horas – tais notícias me deu do que vai em Lisboa. (...) O Agente se pôs em grandes alturas, e vaidades escusadíssimas, que podem danar mais depressa que aproveitar (...) e assi tem tomado um palacete em que já habitou cardeal e por aluguer de hebreus. Aparelhou cinco ou seis estâncias tão nobremente como V. S. pudera de damascos belíssimos com bons bufetes, escritórios, cadeiras, cousa

67 O Padre Nuno da Cunha – devido à posição ameaçadora da Corte de Madrid – tinha entretanto aceitado o acordo de que seriam mandadas as bulas unicamente para a sagração dos Bispos e que estes governariam as suas dioceses como administradores, sem bulas de provimento. E isto não agradou ao Dr. Carrilho que mandou, por este motivo, suspender a negociação retomando uma posição de inflexibilidade – BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., p. 205.

68 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 27 de Setembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 283.

69 E «isto deu tanto cuidado (escusadamente a meu ver) aos portugueses, que foram todos de parecer, que o tal doutor não estivesse ali a dormir, mas que viesse dormir na cidade»... – D. Vicente NOGUEIRA para D. Vicente Nogueira, Roma, 7 de Dezembro de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 200.

70 O Dr. Carrilho, com a promessa de 100 mil cruzados, esperava conseguir o provimento na forma antiga do Reino. Ainda em Março de 1649 mantinha a mesma convicção, acreditando que a lentidão do processo só se devia à doença do Papa e que brevemente seria recebido, resolvendo-se então todas as coisas, inclusivamente a questão do Núncio. Enganava-se redondamente o novo agente português ignorando, ou desprezando arrogantemente o poder dos ministros espanhóis de quem dizia não temer porque nunca tinha sabido, na sua vida, que coisa era o medo – BORGES, Antunes – *Provisão dos Bispados*. Ed. cit., p. 206; Manuel Álvares CARRILHO para o Marquês de Niza, 28 de Dezembro de 1648 e 1 de Março de 1649 – MONIZ, Jayme Constantino de Feitas – *Corpo Diplomático Português contendo os actos e relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1907, vol. 13, pp. 177-179.

de príncipe. A dous mocetões que trouxe vestiu de veludo e deu espadas com as quais em casa o servem de gentis homens. Tomou um clérigo por capelão e secretário, outro por seu veedor, três lacaios de boa libré e da mesma o cocheiro e quatrocentos escudos deu ao Fontané por dous belíssimos cavalos. Tendo notícia disto, o Cardeal Ursino – que com o Duque de Bracciano, seu tio, desejam muito entrar nas nossas embaxadas cuidando que nós como alemães ou polacos haveremos mister servir-nos de romanescos – o foi o dito Cardeal visitar e esteve com ele um meio-dia inteiro. E o doutor que é próprio para ãa destas comédias, estava cortejado de mais de trinta portugueses como V. S. pudera. E tudo foram senhorias ilustríssimas. E daqui a poucos dias mandou o Duque visitá-lo com um presente de príncipe e era um porco montês e um veado façanhosos, e dez ou quinze pares de starnos que são ãas perdizes muito estimadas de pés negros, postos nũa tranca, e outra de outros tantos frascos de vinho moscatel, como pudera a V. S.. E ultimamente o foi visitar o dito Duque, mas antes disto sabendo-o eu, lhe disse que ele Doutor andasse muito atento com estes ursinos porque não só são romanescos e de muita invenção, mas mal vistos de Dona Olímpia e Papa, porque cuidam que se comunicam escondidamente com o perverso Pamfilio. E ele me prometeu fazê-lo assi, mas hei sabido que lhes há feito um presente nobre de doces esquisitos, perfumes, águas de âmbar, almudes da de seor..... cousas que inda que de não grande valor, eram melhor empregar-se em Marquês del Buffalo e Cardeal Masdalquino. Mas são despropósitos deste Jesuíta que mais dão que ajudam, o qual vive com tantos ciúmes de mi que deseja muito que eu não cheire nada dos seus negociados⁷¹.

E foi precisamente ao Cardeal Virginio Orsini (1615-1676) que Manuel Carrilho pediu que solicitasse a audiência papal... O papa teria dito na circunstância: «Monsig.^{nre} de donde vos toca por officio meteres-vos nos negócios de Portugal, ou pedir audiências? E respondendo ele que como protector de França, lhe respondeu que França era França, e Portugal, Portugal, e que já dissera ao Marquês de Fontané, que cada um tratasse seus negócios e não os alheios⁷². «E assi – comenta D. Vicente – inda que os veja dar com a cabeça polas paredes, não farei mais que calar e rir e nem dos conceitos de D. Olímpia e Marquês del Búfalo os avisos, porque o padre assistente diz não poder nada esta cunhada, e outros semelhantes desatinos, que oxalá lhe não cheguem polas

71 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 11 de Janeiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., pp. 208-211.

72 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 213.

espias. Mas tudo isto seja tanto só para V. S. que me não prejudique»⁷³...

Mas D. Vicente Nogueira – apesar de ver esta outra delegação desencaminhada... – não deixa de reagir quando sente que estava em causa a honra de Portugal. Numa carta de 15 de Fevereiro de 1649, conta que havia suspeita de que estavam para vir, de Nápoles, «capitães e soldados bravos» para assaltarem o doutor Carrilho, e para que ninguém disso se apercebesse alojarem-se em casa do Príncipe Ludovico, sobrinho do Papa e não em casa do embaixador, o Cardeal Gil Carrillo de Albornoz (1579-1649). «Porém – escreve D. Vicente – hão-de fazer lenha em ruim mato, porque está já bem prevenido e avisado com espias nos dous palácios, e provido de vinte quatro bocas de fogo, e não o hão-de achar descuidado, e pode ser que da empresa saiam mais enlameados que das duas passadas. É lástima ver como as melhores cabeças da nação castelhana são hoje levíssimos cascaveis, e se não diga-o Roma sobre Albornos»⁷⁴.

A verdade é que as previsões relativamente à legação de Carrilho se confirmaram: todas as diligências se viram condenadas ao fracasso e só serviram para que se complicasse tudo relativamente às pretensões dos bispos de Portugal⁷⁵... E a aproximação com ao Cardeal Ursino – como mais tarde gritará Francisco de Sousa Coutinho – foi ruínosa para Portugal⁷⁶...

Neste cenário confrangedor que é – na interpretação do cômego português exilado... - a acção dos portugueses que em Roma tinham o encargo de tratar dos negócios do reino vai destoar o perfil e a acção do Padre António Vieira. De facto, o jesuíta pareceu-lhe «um milagre», «um prodígio» que até aí ainda não havia visto⁷⁷... Do contacto que com ele teve, em Roma, resultaria uma admiração incondicional e uma amizade perseverante⁷⁸...

73 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 213.

74 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 15 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 226.

75 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Setembro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 363.

76 D. João IV nomeou Sousa Coutinho como Embaixador na esperança de que o seu prestígio e a sua experiência tivessem êxito. Recebeu ele a ordem para partir em Agosto de 1655. O Cardeal Orsini teria recebido de Portugal 66 000 cruzados em dois anos. Sousa Coutinho acusa-o de ter traído Portugal... – «Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma à Rainha D. Luísa», 2 de Março de 1658 – A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, n.º 1096 (21).

77 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5 de Março de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 331.

78 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Setembro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 362; Na versão do Marquês, o padre António Vieira teria falado com o rei sobre a pessoa e a situação de D. Vicente Nogueira... – Do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27 de Janeiro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 377.

*
* *
*

Claro que os interlocutores entendem que estas omissões e adiamentos da Santa Sé, este impasse continuado eram consequência de uma situação política de enorme complexidade e de múltiplos e contraditórios interesses em jogo... Roma, por um lado, não podia assistir passivamente à degradação interna da igreja portuguesa. Por outro lado, o eventual reconhecimento das pretensões joaninas colocá-la-ia numa declarada oposição a Espanha. Ora, decorrendo a guerra dos Trinta Anos e no rescaldo de um sem-número de querelas político-religiosas no seio da cristandade europeia, o apoio daquela potência era imprescindível... A monarquia hispânica – que percebia bem a importância estratégica que constituiria para D. João IV o reconhecimento papal – tentava tudo, usando inclusivamente a violência, para inviabilizar qualquer compromisso entre as duas partes. França, interessada, por um lado, que tudo se resolvesse favoravelmente a D. João IV mas, simultaneamente, agradada com a continuação dos conflitos que contribuíam para debilitar a força da sua sempre rival. França – escreve D. Vicente Nogueira – «tudo tem pela primeira lei seu próprio interesse»⁷⁹, o que querem é «meter-nos na dança, e verem eles os touros de palanque»..., entre França e Espanha «venha o demo e escolha»⁸⁰...

É por isso que – embora reconhecendo as ligações que a casa Barberina tinha com o Cardeal Mazerino, precisamente porque «não se cega com nenhuma paixão»⁸¹... – mostra-se implacável para com o primeiro ministro francês... Numa carta que escreve a D. João IV no dia 8 de Abril de 1647, conta que Júlio Degli Oddi, auditor do Cardeal Sacchetti, lhe tinha mostrado uma carta recente de França, escrita por Zongo Hondedei que era secretário do Cardeal Mazarino. Pelo que conta, o dito Júlio Oddi tinha-lhe escrito previamente manifestando admiração pelo facto de França não estar a fazer tudo o que estava ao seu alcance para defender os interesses de Portugal... E o secretário do Cardeal Mazarino ter-lhe-ia respondido:

... a coroa de França não tem obrigação nenhũa a El-Rei de Portugal por não haver dele recebido amizade nem ajuda alguma, nem inda diversam. Antes, todos os maus sucessos que as armas francesas receberam em Catalunha foram causados d'El-Rei de Portugal estar metido em seu reino e cidade, a juntar dinheiro sem fazer guerra a Castela, com o que El-Rei de Castela – como se

79 D. Vicente Nogueira para D. João IV, Roma, 8 de Abril de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 91; -

80 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 30 de Abril de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 354.

81 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 15 de Fevereiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 225.

*não tivesse guerra com Portugal – mandava todas as suas forças a Catalunha. E isto todos estes anos, por mais que França instava e lhe pedia se aproveitasse da ocasião, pois nunca podia tê-la tão favorável. Além do que sem propósito, e sem necessidade, se meteu em querer lançar os Holandeses do Brasil, e fazer guerra aos inimigos de Espanha, a quem devia fazer carezas. Pelo que ele, Júlio, se não espantasse se visse Portugal excluído de França. Porém que nem com tudo França se não obrigaria nunca a não socorrer e ajudar ao dito rei, mas isto tudo sem obrigação. Mas que deste conceito e destes interesses que ele não descobrisse nada se não ao Cardeal Sacchetti, porque ele lho dizia confidentemente*⁸².

Na interpretação de D. Vicente Nogueira, isto não era mais que um acumular de excusas do Cardeal Mazarino que tem como um homem «com pouco temor de Deus e pouca vergonha do mundo» que quer «assassinar um rei legítimo que Deus – da sua mão, sem ajuda de França – intronizou». «Quando morreu Richelieu, bom francês, eu me doí muito, vendo que havíamos de negociar com ministro tão temporal e interessado» e os franceses são «gente muito para se não depender deles se não em extrema necessidade»⁸³.

No plano interno, vê D. João IV – principalmente no período em que o Marquês de Niza está em Paris... – como um rei desamparado, mal aconselhado, sem ter «um só homem de bem, que lhe fale as verdades esbrugadas»⁸⁴. «E assi não se lembrando ninguém de ver nunca em Roma tantos cortesãos portugueses, tão ricos honrados e letrados (e esta é outra miséria, que estando o nosso Rei com guerra no mar e terra, fujam todos os mais para a igreja que para ir-lo defender) não se lembram também de provimentos mais vergonhosos em mancos, ignorantes, baixos e cheos de mil magagnas»⁸⁵. E à medida que se foram diluindo as expectativas de regressar e de servir o rei, em Portugal, soçobrou um marcado sentimento de desilusão... Na última carta que dele conhecemos escreve: «Mas vivas e sãs devem estar as cartas que nestes doze anos escrevi a El-Rei, por sinal que me não cria nem deferia aos pontos mais importantes. Mas oxalá não chegue tempo em que se torça as orelhas, que sempre cerrou às mais

82 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8 de Abril de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 93.

83 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8 de Abril de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 94.

84 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 4 de Janeiro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 204.

85 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22 de Novembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 296.

importantes verdades»⁸⁶.

Depois preocupava-o de forma particular o agrilhoamento a que Portugal estava sujeito pelos procedimentos da Inquisição – tão destoantes dos usados em Roma⁸⁷... Em Roma não se queimavam livros... Guardavam-se no Arquivo do Santo Ofício, com o nome de seu dono e, se mais tarde os seus herdeiros conseguissem licença para tal, podê-los-iam recuperar... Mas as coisas de Portugal não se regulam pelas coisas do Papa, e devem, os inquisidores de Portugal, ter-se por mais cristãos que ele⁸⁸... E é consistente a ideia de que o tribunal – naquele contexto – procedia contra os interesses do monarca português e de Portugal: de facto, incompreensivelmente, perseguiram os melhores letrados e condenavam aqueles que tantos proveitos tinham dado à coroa⁸⁹...

Poderíamos pensar ser este posicionamento justificado pelas amarguras de D. Vicente a quem, as diligências daquele tribunal obrigaram ao exílio e privaram de honras, de privilégios e até da dilecta biblioteca... Mas o espólio deixa claro ser esta uma opinião generalizada e partilhada, inclusivamente, pelo Marquês e por D. João IV⁹⁰. Numa carta terminada no dia 28 de Dezembro de 1651 – iniciada em Lisboa e terminada na Vidigueira – o Marquês escreve:

Eu fazia uma noite destas com El-Rei duas considerações que ele não sabia e

86 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 30 de Dezembro de 1652 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 441.

87 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 11 de Maio de 1648 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 173.

88 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29 de Novembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 303.

89 «É perdoe Deus a esses senhores Inquisidores, que não sei com que pensamento (mas outros o sabem, e dizem), tão sem necessidade, antes em tanto desprezo dessa coroa e reino, se meteram a censurar – e que digo, censurar? – se meteram a condenar papel feito por melhores letrados que eles, e que o Papa não condenou, nem a Igreja romana, desejando-o muito, e estando-lhes muito bem»... – D. Vicente NOGUEIRA para D. João IV, Roma, 18 de Setembro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 412; Veja-se também: D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19 de Setembro de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 361; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa/Vidigueira, 28 de Dezembro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 418.

90 O experiente embaixador Sousa Coutinho, mais tarde – 13 de Agosto de 1657 – numa carta à rainha Luísa de Gusmão lançará ainda suspeitas graves sobre a acção da Inquisição enquanto «fortaleza de Castela» no interior do reino – AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa*. Ed. cit., vol. 2, p. 162; D. Francisco de Castro (1574-1653), Inquisidor-geral (1630-1653), não fazia grande segredo da sua oposição ao Rei, a quem considerava usurpador da Coroa, que segundo ele, pertencia legitimamente ao Rei de Espanha. Esteve implicado na conjura de 1641 contra D. João IV, tendo sido preso em 28 de Julho desse ano. Foi libertado em 5 de Fevereiro de 1643 e restituído aos seus anteriores cargos. Não hesitou em prender nos cárceres da Inquisição amigos pessoais de D. João IV, como Manuel Fernandes Villa-Real, morto na fogueira por judaizante, e D. Rodrigo da Câmara, governador da Ilha de S. Miguel, homossexual, encarcerado até à morte. É arrepiante ver a indiferença de D. João IV no caso da Villa-Real, que tantos serviços havia prestado à Coroa. O Rei foi mesmo assistir ao auto-da-fé em que ele foi sacrificado em 1 de Dezembro de 1652. Com toda a evidência, Francisco de Castro utilizou a Inquisição para fazer oposição política a D. João IV – MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro – *História da Inquisição Portuguesa (1636-1821)*. Lisboa: A esfera dos livros, 2013, pp. 182-189.

em que me achou rezão – não por me não parecer rezão dar-se grande favor às matérias que tocarem à fé, porque esta é conveniente se anteponha a tudo o da vida, e que por ela a ponhamos – foram que sendo clérigos Fr. Francisco de Coimbra, a que chamavam o livreiro – era lente de véspera de Coimbra, cônego doutoral e deputado do santo officio – e Fr. Francisco de Monte Alverne e Barem – era também deputado –, meteu-se o primeiro frade da Piedade e o segundo de S. António donde não queriam nem haviam mister dinheiro, mulas e criados, e por isto mesmo parece os tiram de ministros do santo officio sendo que não perderam as letras, juízo e virtude. A segunda foi que em tempo d’El-Rei D. Manuel foi o em que maiores felicidades teve Portugal, entrou seu filho D. João o 3º que trouxe o santo officio a este reino. E no reinado daquelle Rei começou este reino a descair, como V. M. bem sabe. Em ambas as cousas El-Rei me achou rezão e conhece que convém diminuir os poderes da inquisição (...) Comigo é todo o ódio dos inquisidores e dizem que só de mim se temem. E têm rezão, porque, se for necessário hei-de ir a Roma com boníssima vontade, e assim o tenho dito. V. M. será servido queimar esta carta, e a primeira via como chegar depois de lida, e inteirado do que nela digo, pelo risco que correm de se poderem achar e virem à noticia destes meus amigos⁹¹...

E não se esconde, claro, o impacto que estavam a ter o caso de Duarte da Silva – preso em Dezembro de 1647 – e de Manuel Fernandes de Vila Real, e a lástima e a revolta que o seu desfecho causou, dentro e fora de Portugal, com a condenação de ambos no auto-de-fé de 1 de Dezembro de 1652⁹².

«Fez o inquisidor-geral auto público a primeiro dia de Dezembro – conta o Marquês de Niza, já em Portugal – nele saiu Duarte da Silva e todos seus parentes soltos e livres. O primeiro, só com cinco anos do Brasil, por querer penetrar segredos da Inquisição, saiu mais o pobre do Vila Real a queimar as culpas. Verá V. M. da cópia da sentença que com esta remeto e os que mais

91 Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira Lisboa/Vidigueira, 28 de Dezembro de 1651 – *Um Discurso Epistolar*. Ed. cit., p. 418.

92 MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro – *História da Inquisição Portuguesa*. Ed. cit., p. 186; «Ao capitão Vilareal, para ser preso, bastaria saber-se que El-Rei falava com ele, e o queria empregar. Que esse grande respeito tem à coroa aquele tribunal, onde há quatro dias lhe prenderam a Duarte da Silva um dos mais importantes vassallos e mais úteis, e isto sem mandar-lhe mostrar as culpas nem saberem o parecer e vontade real, cousa que se não atreve a fazer em Veneza a inquisição, com presidir hoje nela o Arcebispo de Pisa, Nuncio do Papa...» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5 de Março de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 332; «Duarte da Silva e Manuel Fernandes Vila Real ambos se achão ainda na Inquisição. E duvido que saiam no cadafalso que se tem apregoado para o primeiro domingo do Advento salvo porque hajão de sair a queimar. E parece que escolheu o inquisidor-geral este dia para refazer nele o cadafalso por ser o primeiro dia de Dezembro em que se havia de festejar a aclamação de El-Rei, como é estilo.» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, ? de Novembro de 1652 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 431.

saíram da lista que também mando. E se não fora a sua confissão saíra como os demais, pois se mostra da sentença que a prisão não foi feita ao princípio mais que pelas proposições dos seus livros e por outras opiniões suas. E se não fora por carta, muito pudera falar com V. M. sobre esta matéria e sucesso de Vila Real ao qual eu disse em França, quando se resolvera passar a Portugal, por algúas vezes, que visse o em que se metia porque da Inquisição o não podíamos livrar se tivesse culpas. Mas ele esconjurou-se com que as não tinha. Passou este dia de 20 de Dezembro, véspera de S. Tomé, em que fizeram auto na sala, presentes frades das religiões e 4 familiares – dois dos quais eram o Marquês de Gouveia e Rui Fernandes de Almada. E no auto tiraram o desgraçado Conde de Vila Franca em companhia de um frade agostinho e de outro cartuxo e de oito patifes, e o tiveram com ã vela na mão, e lhe leram a sentença condenando-o a perdimento de bens e a cárcer perpétua. Considere V. M. o como esta nova me terá depois que aqui me chegou. Mas a verdade é, Senhor D. Vicente, que em Portugal se acabou o brio e não há já os netos daqueles homens que antigamente houve (como os italianos o dizem)»⁹³...

Todas estas inquietações justificavam que se pusessem tantas esperanças no Príncipe D. Teodósio⁹⁴ e – na linha do que fizera D. Francisco Manuel de Melo⁹⁵ e Sebastião César de Meneses⁹⁶ – os correspondentes levam tão a peito a questão da educação e formação do Príncipe. Muitos dos livros comprados, aliás, tinham essa justificação⁹⁷... Mas até sobre essa empresa D. Vicente Nogueira se mostrava

93 Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, ? de Novembro de 1652 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 433.

94 «O Príncipe – afirmo a V. M. – me tem parecido ã grande cousa, Deus o guarde, porque não há cousa de que não saiba e a aplicação em tudo é grandíssima e muito amigo dos homens. Grandes partes tem. Dê-lhe Deus vida.» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17 de Dezembro de 1649 – *Um Diálogo Epistolar*..., ed. cit., p. 313; «O Príncipe – Deus o guarde – é um grandíssimo sujeito. E poucos dias há se leu em conselho de estado um papel seu, latino, que todos julgaram por bellissimo. De todos os livros esquisitos que V. M. lhe mandar fará grandíssima estimação, principalmente dos de matemática. Dizem-me tem escrito mais de duzentas folhas de papel sobre certa matéria e tem todos os dias mais de seis horas de estudo» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20 de Abril de 1650 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 347. 95 D. Francisco Manuel de Melo é autor de um tratado que ofereceu a D. Teodósio, muito provavelmente para servir de modelo governativo para o Portugal Restaurado. Veja-se *Aula Política. Curia Militar. Epistola declamatória ao Serenissimo Principe D. Teodozio e Política Militar*, Lisboa, 1720; MELO, D. Francisco Manuel de – *Epistola Declamatória ao Principe D. Teodósio*. Edição «semidiplomática» por VERDELHO, Evelina. Corpus electrónico do CELGA. FLUC, 2007.

96 Sebastião César de Meneses dedica a sua obra, *Summa Política*, a D. Teodósio... – ALBUQUERQUE, Martim de – *Para uma Teoria Política do Barroco em Portugal – A Summa Política de Sebastião Cesar de Meneses (1649-1650)*. «Revista de História». Centro de História da Universidade do Porto. Vol. II (1979); TORRAL, Luís Reis – *Ideologia Política*. Ed. cit., vol. II, p. 268.

97 «O Príncipe meu senhor é bem curioso e estima bem livros e destes meus se servirá quando tiver gosto» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, ? de Agosto de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 110; «Muito estimo os mais livros que V. M. me vai ajuntando, e o Príncipe meu senhor lerá todos os que quiser, principalmente este que V. M. tanto gaba do Ayo e lhe tenho outro, castelhano, feito por Sayavedra, idea de um Príncipe perfeito com empresas, que há parecido mui bem, e não sei se o viu V. M.. Os *Discursos* de Nieculvey tenho, que, em nome de V. M., me mandou Pêro Mendes de Sampaio, por sinal que escrevi a

crítico... Lembrando-se de erros pretéritos, escreve:

Ao Príncipe N. S. infundem os Jesuitas seus validos um tão grande amor da castidade e pureza, que chega a odiar as mulheres: este extremo é muito de louvar num frade cartuxo, que as não consente nem ouvir missa na sua igreja, mas num Príncipe destinado a propagar família régia, me não contenta. Antes, quando vejo os males que nos causaram semelhantes dogmas em El-Rei D. Sebastião, me descontento muito, mas muito mais o não vê-lo fazer num cavalo napolitano as maravilhas que aqui se ensinam a estes meninos de 10, 11, 12 anos, filhos, digo netos do Príncipe Borghese que, como se houveram de ganhar a vida a bolatines, assim os exercitam em saltos, tregeitos, correr sem estribos...⁹⁸.

Infelizmente, ao Príncipe – que faleceria em Belém no dia 15 de Maio de 1653 – não foi concedido prestar provas de valor⁹⁹...

V. M. os agradecimentos e não tive resposta» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 27 de Setembro de 1647 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 121.

98 D. Vicente NOGUEIRA para Cristóvão Soares de Abreu, Roma, 6 de Fevereiro de 1651 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 386.

99 «Eu me recolhi a esta vila para assistir ao parto da Marquesa que é para os princípios do mês que vem, e para nela me deter o mais tempo que me for possível chorando a morte do Príncipe que Deus tem, no fim do mês de Maio aqui me achei. Perde Portugal, Senhor D. Vicente meu amo, um príncipe de tantas partes e virtudes quantas em um perfeito Príncipe se podem pintar, virtude tanta que não tinha pecado mortal, brandura, verdade, segredo, liberalidade, compaixão, amizade, valor, enfim tudo, tudo. E sobretudo sofrimento bastante para bem julgar e muito mais que pudera dizer e que por carta não é possível. Seja Deus louvado que tamanha desgraça quis que experimentássemos» – Marques de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 11 de Julho de 1653 – *Um Diálogo Epistolar*. Ed. cit., p. 444.

BIBLIOGRAFIA

A.N.T.T. – Inquisição de Lisboa, nº 7794.

A.N.T.T. – Manuscritos da Livraria, n.º 1096 (21).

A.N.T.T. – Processo de Vicente Nogueira, (17/06/1631-9/02/1635), PT-TT-TSO/IL/28/4241.

ALBUQUERQUE, Martim de – Para uma Teoria Política do Barroco em Portugal – A Summa Política de Sebastião Cesar de Meneses (1649-1650), in «Revista de História» do Centro de História da Universidade do Porto, vol. II, 1979.

ALBUQUERQUE, Martim de, “Biblos” e “polis”, bibliografia e ciência política em D. Vicente Nogueira, (Lisboa, 1586-Roma, 1654). Lisboa: Nova Vega, 2004.

AMEZÚA, Agustín González de – Lope de Vega en sus cartas, Introducción al epistolario de Lope de Vega Carpio, «Epistolario de Lope de Vega Carpio», ed. De Agustín G. de Amezúa, vol. I, Real Academia española. Madrid (1935) 1989.

ANTÓNIO, Nicolau – Bibliotheca Hispana noua: sive Hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV floruerunt. Tomo II, Madrid: Apud Joachimi de Ibarra, 1788.

AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) – História Religiosa de Portugal. C.E.H.R.U.C.P., Circulo de Leitores, 2000.

AZEVEDO, Lúcio de – História dos cristãos novos portugueses. Lisboa: Clássica Editora, 3ª edição, 1989.

BAIÃO, António – Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa. Lisboa: Seara Nova, 3ª ed., 1972-1973, 1º vol.

BLUTEAU, Raphael – Vocabulário Portuguez e Latino. Coimbra, 1711, vol. IV.

BORGES, Antunes – Provisão dos Bispos e Concílio Nacional no Reinado de D. João IV. «Lusitania Sacra», 1957, tomo II.

BOUZA, Fernando – Corre Manuscrito – una historia cultural del siglo de oro. Marcial Pons, 2001. p. 138.

Cartas-Lettres-Lettere discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX), GÓMEZ, Antonio Castillo (dir.) BLAS, Verónica Sierra (dir.). Universidad de Alcalá: Servicio de Publicaciones, 2014.

CASTILLO, Carmen – La Epístola como género literario: De la Antigüedad a la Edad Media Latina, Estudios Clásicos, 73, pp. 427-442.

CHACON, Alfonso (1540-1599) – Vitae et res gestae pontificum..., Francisco Cabrera ..., & Andrea Victoriello, Roma: typis Vaticanis, 1630, fol.

Corpo Diplomático Portuguez contendo os actos e relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1907, vol. 13, pp. 177-179.

GAREL-GRISLIN, Julie – Les manuscrits arabes et persans du cardinal Mazarin conservés à la Bibliothèque nationale de France, Université de Lyon, ENSSIB, Diplôme de conservateur des bibliothèques, Janeiro de 2013.

La correspondance. (Actes du Colloque International). Aix-en-Provence: Université de Provence, 1985.

La Correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar. Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita (eds. Carlos Sáez y Antonio Castillo Gómez). Madrid: Calambur, 2002.

LARANJO COELHO, P. M. – Cartas de El-Rei D. João IV ao Conde da Vidigueira (Marquês de Niza), embaixador em França, vols. I e II, 1940 e 1942.

LEVILLAIN, Philippe (s. dir.) – Dictionnaire historique de la papauté, Fayard, 2004.

LONGO, Nicola – Letteratura e lettere. Roma : Bulzoni Editore, 1999.

LOPES, Antonino Lopes (trad.: Claudine Cocozza) – Les Papes, La vie des papes à travers 2000 ans d'histoire. Roma : Futura Edizioni, 1997.

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro – História da Inquisição Portuguesa (1636-1821). Lisboa: A esfera dos livros, 2013.

MARQUES, João Francisco – A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668). Centro de História da Universidade do Porto, Porto: INIC, 1989.

MARTÍN BAÑOS, Pedro – El arte epistolar en el Renacimiento europeo 1400-1600. Bilbao Universidad de Deusto, 2005; Art de la lettre, Art de la conversation à l'époque classique en France. (Actes du colloque de Wolfenbüttel, octobre 1991) (dir. Bernard Bray et Christoph Strosetzki). Paris : Klincksieck, 1995.

MATHIEU-ROSAY, Jean – La véritable histoire des Papes. Paris: Jacques Grancher, 1991.

MATT, Luigi – Teoria e prassi dell'epistolografia italiana tra Cinquecento e primo Seicento. Roma: Bonacci editore, 2005.

MELO, D. Francisco Manuel de – Epístola Declamatória ao Príncipe D. Teodósio. Edição «semidiplomática» por Evelina Verdelho, Corpus electrónico do CELGA, FLUC, 2007.

MORONI, Gaetano – Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica, Vol. XLI. Venezia: Tipografia Emiliana, 1846.

NAUDÉ, Gabriel – Advis pour dresser une bibliothèque – Reproduction de l'édition de 1644, précédée de «L'Advis, manifeste de la bibliothèque érudite» par Claude Jolly directeur de la bibliothèque de la Sorbone. Paris: Klincksieck,

2ª edição 1994.

NOGUEIRA, D. Vicente – Cartas de D. Vicente Nogueira, Publicadas pelo Director da Biblioteca Pública de Évora, A. J. Lopes da Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade, sep. do «Arquivo de história e bibliografia – vol. I», 1925.

PONTÓN, Gonzalo – Correspondencias. Los origenes del arte epistolar en España. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.

PRESTAGE, Edgar – As duas embaixadas do 1.º Marquês de Niza a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649). Coimbra: sep. de «O Instituto», vol. LXVI, 1919.

QUONDAM, Amedeo – Le “Carte Messaggiere”. Retorica e modelli di comunicazione epistolare: per un índice dei libri di lettere del Cinquecento. Roma: Bulzoni Editore, 1981.

RAMOS-COELHO, José – Manuel Fernandes Vila Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa. Lisboa, 1894, pp. 25-27.

RAMOS-COELHO, José – O primeiro Marquez de Niza. Lisboa, (sep. do «Archivo Histórico Portuguez», I), 1903.

ROCHA, André Crabbé – Cartas Inéditas ou Dispersas de Vicente Nogueira. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. [1972].

SERAFIM, João Carlos Gonçalves – A infância de Cristo em Adnotaciones et Meditationes in Evangelia do Padre Jerónimo Nadal (S. J.). «Via Spiritus» (Porto), 17 (2010), pp. 79-107.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – História de Portugal. Editorial Verbo, vol. V.

SILVA, Francisco Inocêncio da – Diccionario Bibliographico Portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, VI.

TORGAL, Luís Reis – Ideologia política e teoria do estado na Restauração. Vol. I, II, Coimbra: Biblioteca geral da Universidade, 1981.

TRUEBA LAWAND, Jamile – El arte epistolar en el Renacimiento Español. Madrid: Editorial Tamesis, 1996.

Um Diálogo Epistolar: D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615-1654) – introdução e edição de João Carlos Gonçalves SERAFIM, CITCEM/F.L.U.P., Fontes 3. Porto: Edições Afrontamento, 2011, 451 pp.